



SEÇÃO: SEÇÃO LIVRE

## Acento e sua relação com a morfologia no português

*Stress and its relation with Morphology in Portuguese*

**Seung Hwa Lee**

[orcid.org/0000-0002-1462-512X](https://orcid.org/0000-0002-1462-512X)  
[shleebr15@gmail.com](mailto:shleebr15@gmail.com)

**Recebido em:** 20 dez. 2021.

**Aprovado em:** 24 nov. 2022.

**Publicado em:** 11 maio 2023.

**Resumo:** Este artigo discute o acento primário e sua relação com a morfologia a partir da análise do acento primário proposta por Lee (2007), à luz da Teoria da Otimalidade (Prince; Smolensky, 1993). Argumenta-se que o português possui o padrão acentual misto de troqueu silábico e iambo e que a Morfologia é altamente relacionada à determinação do acento primário do português – o acento deve ter o acesso à categoria lexical e à estrutura interna das palavras, como o radical no não verbo e a vogal temática no verbo.

**Palavra-chave:** acento; interface fonologia-morfologia; português; OT.

**Abstract:** This paper discusses BP primary stress and its relationship to morphology, based on the analysis proposed in Lee (2007) in the framework of Optimality Theory (Prince; Smolensky, 1993). It is argued that primary stress in Portuguese presents a mixed rhythm pattern (trochee and iamb), and that morphology is highly involved with the positioning of primary stress in this language. We will show that stress must have access to the lexical category and the internal structure of words, such as the stem in non-verbs and the thematic vowel in verbs.

**Keywords:** stress; Phonology-Morphology interface; Portuguese; OT.

### Introdução

O acento primário é um dos assuntos mais discutidos na Fonologia do português, uma vez que a explicação de muitos processos fonológicos e de processos morfológicos leva em consideração esse acento.

Câmara Jr. (1953, 1970) defende que, no português, o acento primário é distintivo e fonêmico, além de não previsível, como demonstram os dados de (1):

- (1) a. [fábrica]<sub>A</sub> VS. [fabríca]<sub>V</sub> VS. [fabricá(r)]<sub>V</sub>  
b. [sábíá]<sub>A</sub> vs. [sabíá]<sub>V</sub> vs. [sabiá]<sub>N</sub>

Os exemplos de (1) mostram que o acento pode recair sobre qualquer uma das três sílabas da palavra – podendo ser: acento oxítono, acento paroxítono e acento proparoxítono –, embora as palavras tenham a mesma sequência sonora.

Com o advento da Fonologia Gerativa (Chomsky; Halle, 1968), surgem os trabalhos que generalizam a atribuição do acento primário do portu-



guês, e o acento primário passa a ser motivo de divergências nas suas diversas análises (Mateus, 1983; Leite, 1974; Andrade; Laks, 1991; Bisol, 1992, 1994; Cagliari, 1999; Massini-Cagliari, 1995, 1999; Lee, 1995, 2001, 2007, 2013; Magalhães, 2004; Pereira, 1997, 2007; Wetzels, 2007; Hermans; Wetzels, 2012). Esses trabalhos levam em conta: a) o domínio de aplicação – radical derivacional/palavra; b) a sensibilidade à quantidade; c) a sensibilidade à categoria lexical; d) o padrão de tipo acentual (troqueado ou iambo), entre outros aspectos.

No que diz respeito ao domínio de aplicação da regra de acento, Leite (1974), Mateus (1982) e Bisol (1992, 1994) postulam que a regra de acento se aplica no domínio da palavra, ao passo que Costa (1978), Mateus (1983) e Andrade e Laks (1991) defendem a aplicação da regra de acento no domínio do radical derivacional. No entanto, para Lopez (1979) e Lee (1994, 2002), a regra de acento do não verbo aplica-se no domínio do radical derivacional, enquanto a regra de acento do verbo aplica-se no domínio da palavra.

Em relação à sensibilidade à quantidade, Costa (1978), Bisol (1992, 1994), Wetzels (1992, 2007), Magalhães (2004) e Massini-Cagliari (1995) afirmam que a regra de acento do português é sensível ao peso silábico, com o que outros autores não concordam. Em relação à sensibilidade à categoria lexical, Mateus (1982), Bisol (1992, 1994) e Massini-Cagliari (1995) afirmam que a regra de acento é *category blind* (insensível/cega à categoria lexical), ao passo que os outros autores acima citados afirmam que a regra é sensível à categoria lexical, considerando, portanto, que a regra de acento do verbo é diferente da regra de acento do não verbo. Em relação ao padrão de tipo acentual, Lee (1995) defende o troqueado silábico para o verbo e o iambo para o não verbo, enquanto Bisol (1994), Wetzels (1992, 2007) e Massini-Cagliari (1995, 1999) defendem o troqueado moraic.

Também no que se refere ao acento proparoxítono, há posições diferentes para a sua explicação: a extrametricidade (Bisol, 1994; Massini-Cagliari, 1995; Lee, 1994, 1995), a sensibilidade à categoria lexical (Lee, 1995, 2007; Wetzels, 2007), o acento

marcado no léxico (Wetzels, 2007; Massini-Cagliari, 1999; Magalhães, 2004; Lee, 2007), a solução morfológica (Mateus, 1983; Wetzels, 2007; Lee, 2007; Pereira, 2007) e como resultado de regra marcada (Lee, 1995, 2001; Hermans; Wetzels, 2012) etc.

Diante dos fatos descritos acima, o presente estudo pretende discutir o acento primário do português e sua relação com a Morfologia, à luz da teoria da Otimalidade (OT) (Prince; Smolensky, 1993). Assim, inicialmente, serão consideradas duas questões básicas:

- 1) acento primário é determinado fonologicamente?
- 2) como a Morfologia se relaciona com o acento?

A questão 2 traz à tona várias questões de interface entre Fonologia e Morfologia, entre as quais, as elencadas abaixo – que serão discutidas nas próximas seções:

- a) qual é o papel da Morfologia na atribuição do acento?
- b) como o acento revela a interface entre Fonologia e Morfologia?
- c) o acento proparoxítono é um acento marcado no léxico?

## 1 Acento primário (regular) e o padrão acentual do português.

Na Fonologia Métrica Parametrizada (Hayes, 1995), o acento é relativo e a regra de acento pode ser determinada em termos de: binariedade do pé, direcionalidade de análise (da borda direita de um domínio prosódico para esquerda ou da borda esquerda de um domínio prosódico para a direita), forma do pé canônico (troqueado moraic, troqueado silábico e iambo) e a exaustividade de análise do pé (pé iterativo ou pé não iterativo). Os trabalhos anteriores sobre o acento do português apresentam certo consenso sobre a binariedade, a direcionalidade e a exaustividade a partir das generalizações abaixo:

- (2) Quando uma palavra termina em vogal, o acento recai sobre a penúltima sílaba:

cása, lívro, batáta, beléza, fálo, fála

(3) Quando a palavra termina em sílaba pesada (consoante ou ditongo), o acento recai sobre a última sílaba:

- a) rapáz, feliz, país
- b) anél, tonél, papél
- c) amór, pintór, melhór
- d) maçã, atúm, armazém
- e) herói, chapéu, degráu

O acento do português constitui o pé binário e não iterativo a partir da borda direita do domínio prosódico (radical ou palavra fonológica) e se sujeita à restrição de janela de três sílabas – o acento cai em uma das três últimas sílabas.

(4) Restrição da janela de três sílabas  
Júnior -> junióres \*júniore

O exemplo acima mostra que o acento não permanece na sílaba de origem. Ele se desloca para a penúltima sílaba pela regra geral do acento, uma vez que a sufixação do morfema plural, *-es*, colocaria o acento na quarta sílaba, o que violaria a restrição da janela de três sílabas.

Por outro lado, há divergência sobre a forma do pé canônico, o padrão acentual, domínio de aplicação de regra de acento e a sensibilidade à categoria lexical.

À primeira vista, as generalizações acima mostram que o acento primário do português é sensível ao peso silábico e o padrão acentual do tipo troqueu moraico é preferido. Nas propostas que assumem o padrão acentual de troqueu moraico, a abordagem fonológica (Bisol, 1994; Massini-Cagliari, 1995; Wetzels, 1992) e as regras de acento, que são insensíveis à categoria lexical e sensíveis ao peso silábico, são determinadas fonologicamente – elas aplicam-se no nível da palavra fonológica após todas as operações morfológicas. Esse padrão é bem semelhante ao padrão do acento do latim, do qual o português se originou. O acento – cuja regra é bem estudada na literatura (Hayes, 1995; Jacobs, 2000; Prince; Smolensky, 1993; Mester, 1994) – é sensível ao peso silábico e insensível à

categoria lexical, além de determinado fonologicamente, conforme apresentado em (5) a seguir.

(5) Acento do latim

- a) Em palavras de três ou mais sílabas, o acento é paroxítono se a penúltima sílaba é pesada, como em fortitludo, iniml ilcus
- b) Em palavras de três ou mais sílabas, o acento é proparoxítono se a penúltima sílaba é leve, como em fácl i(l)lis, subsidlum
- c) O acento é oxítono, se a palavra é monossilábica, como em méns, cór, mél

O padrão acentual do latim é troqueu moraico, a construção do pé é da borda direita para a esquerda e não iterativa; a última sílaba é sempre extramétrica, exceto nas palavras oxítonas. Somente a extrametricidade da última sílaba seria diferente na abordagem fonológica do acento do português. Embora as generalizações acima favoreçam o padrão troqueu moraico, o acento do português é mais complexo do que o acento do latim; o português possui as palavras oxítonas e proparoxítonas que dependem do peso silábico.

As palavras oxítonas são tratadas como uma forma marcada pela abordagem fonológica, ora com o uso de *catalexis*<sup>2</sup> (Bisol, 1994; Massini-Cagliari, 1995, 1999; Wetzels, 1992), ora como uma forma não produtiva (como exceção ou como acento marcado no léxico) (Wetzels, 2007; Hermans; Wetzels, 2012). Se o acento do português é previsível e determinado fonologicamente, conforme as propostas da abordagem fonológica, como seria possível derivar três outputs diferentes a partir da mesma representação subjacente, como no exemplo (6), a seguir?

(6) /sabia/

[sáb<sub>A</sub>ia] vs. [sabiá<sub>V</sub>] vs. [sabiá<sub>N</sub>]

Uma mesma representação serviria para derivar três formas fonéticas corretas na abordagem fonológica? Em princípio, esta abordagem supõe que a representação subjacente, /sabia/, não

<sup>2</sup> A *catalexis* é uma adição de um constituinte métrico como mora ou sílaba na margem de um domínio prosódico. Bisol (1994), por exemplo, argumenta que há uma consoante abstrata na representação subjacente nas palavras oxítonas terminadas em vogal - /kafC/.

possui nenhuma informação prosódica, uma vez que o acento é atribuído fonologicamente no nível de palavra fonológica após todas as operações morfológicas. Assim, deveríamos ter três regras de acento diferentes para derivar as três formas fonéticas corretas ou uma regra de acento com os aparatos teóricos para derivar as formas fonéticas corretas na gramática? A segunda alternativa é mais adequada e compatível com as generalizações sobre o acento do português. A regra de acento deve marcar a extrametricidade no não verbo para derivar a forma fonética [sábial], enquanto a regra de acento aplica-se normalmente no verbo. Isso significa que a regra de acento precisa ter acesso à categoria lexical para marcar a extrametricidade na última sílaba, embora a regra fonológica não enxergue a informação morfológica na entrada. No caso de palavras oxítonas, a abordagem fonológica assume a solução fonológica introduzindo o conceito de *catalexis* (Bisol, 1994; Massini-Cagliari, 1995) ou ela trata a última sílaba já marcada com o acento na representação subjacente como /sabiá/ (Wetzels, 2007). Assim, teremos três diferentes representações subjacentes na abordagem fonológica como os exemplos de (7), a seguir, mostram.

(7) Representação subjacente na abordagem fonológica

/sabi(a)/ /sabia/ /sabiaC/ ou /sabiá/  
[sábial]<sub>A</sub> [sabial]<sub>V</sub> [sabiá]<sub>N</sub> [sabiá]<sub>N</sub>

Na abordagem morfológica (Lee, 1995), as palavras oxítonas são tratadas da mesma forma, como uma palavra que termina em vogal, levando em conta a estrutura morfológica dos não verbos. De acordo com Câmara Jr. (1970), os não verbos do português possuem estrutura morfológica como demonstra (8) abaixo.

(8) A estrutura interna do não verbo (Câmara Jr., 1970)  
Radical + (Vogal Temática)

A estrutura interna do não verbo mostra que as palavras oxítonas terminadas em vogal são palavras atemáticas, exemplificadas em (9), sendo que a última vogal não sofre apagamento durante os processos morfológicos derivacionais (Lee, 1995).

(9) acarajé, café, sabiá, jacarandá, avô, avó

A estrutura morfológica do não verbo em (9) leva a uma generalização sobre o acento – o acento do não verbo recai na última vogal do radical. Uma das vantagens desta abordagem morfológica é que as palavras oxítonas que terminam em vogal são tratadas como tendo um acento regular da língua. Lee (1995) defende que o acento do não verbo não é sensível ao peso silábico e o padrão acentual é o iambo, além de dispensar a *catalexis* e a marcação do acento na representação subjacente, como discutido anteriormente em (7) e mostrado no exemplo de (10):

(10) Representação subjacente na abordagem fonológica

/sábial/<sup>3</sup><sub>A</sub> /sabial/<sub>V</sub> /sabiá/<sub>N</sub>  
[sábial]<sub>A</sub> [sabial]<sub>V</sub> [sabiá]<sub>N</sub>

Nessa abordagem, o acento do não verbo tem acesso à categoria lexical e à estrutura interna das palavras e é atribuído no nível do radical, enquanto o acento do verbo tem pé canônico de troque silábico e é atribuído no nível de palavra fonológica.

Quanto à sensibilidade à categoria lexical das regras de acento, os trabalhos mais recentes mostram que o acento do verbo é diferente do acento dos não verbos. A abordagem fonológica de padrão troqueu moraico não se sustenta no acento dos verbos, uma vez que a extrametricidade ocorre sistematicamente nos verbos, diferentemente do não verbo, como mostram os exemplos de (11):

<sup>3</sup> Lee (1995) trata este caso como acento irregular de pé troqueu silábico com última sílaba extramétrica, como em /sabi(a)/, e Lee (2007) trata esse caso como o acento marcado no léxico /sábial/<sub>A</sub>. Por outro lado, Hermans e Wetzels (2012) tratam esse caso como o acento regular, introduzindo uma restrição de marcação [Vhigh]V que proíbe a vogal alta acentuada no hiato. Os próprios autores, entretanto, mostram que o acento é marcado no léxico, quando as palavras apresentam vogal alta acentuada no hiato: por exemplo, /másiu/ -> [masiu] e /básiu/ -> [basial].

## (11) fála(m), falámo(s)

Além disso, a estrutura interna morfológica do verbo é referida novamente na extrametricidade, embora as regras de acento se apliquem no nível/domínio da palavra e sejam insensíveis à categoria lexical. Por essa razão, os trabalhos mais recentes já assumem que o acento do verbo é diferente do acento do não verbo. Wetzels (2007) e Hermans e Wetzels (2012) assumem que o acento do não verbo é o troqueu moraico, enquanto o acento do verbo é determinado morfológicamente.

Lee (1995, 2003, 2007) mostra que os processos fonológicos do português são sensíveis à categoria lexical, e o português tem um sistema fonológico distinto entre o verbo e o não verbo. O sistema vocálico do português apresenta a relação fonêmica nos não verbos, como em (12a), e a relação alofônica nos verbos, como em (12b).

- (12) a) s[ɛ]lde vs. s[ɛ]lde vs. clilde  
b) s[E]lvi ~ s[ɛ]lrvimos ~ slilrvo

A regra de Abaixamento Datílico (13a) e a regra de Abaixamento Espondaico (13b), que preferem vogais médias baixas na sílaba tônica, conforme Wetzels (1991, 1992, 2007), se aplicam somente aos não verbos.

- (13) a) m[ɛ]dico, ab[ɔ]bora  
b) c[ɛ]sar, m[ɔ]vel

Além disso, os verbos possuem uma estrutura morfológica diferente dos não verbos, conforme Camara Jr. (1970):

- (14) Estrutura Morfológica do verbo  
Tema Verbal (Raiz + Vogal Temática) + Sufixo Flexional  
(Sufixo Tempo/Modo + Sufixo Número/Pessoa)

Os sufixos derivacionais podem ser anexados ciclicamente, enquanto os sufixos flexionais (de cada tipo) são afixados somente uma vez (e são não cíclicos), conforme Lee (1995).

Diante desses fatos, que mostram diferença de comportamento entre o verbo e o não verbo, Lee (1995, 1999, 2007) defende que as regras de acento são sensíveis à categoria lexical e insensíveis ao peso silábico. Lee (2007, 2013) apresenta uma análise nos moldes da OT sobre o padrão acentual do português; de acordo com a qual, o acento é determinado pela interação entre as restrições morfológicas e as restrições fonológicas, e o acento é sensível à categoria lexical. A restrição morfológica de ALIGN ocupa o lugar mais alto na hierarquia e domina as restrições relacionadas à forma do pé, à direcionalidade e à exaustividade de análise do pé. Quanto à forma do pé, o português possui o padrão acentual misto de troqueu silábico e iambo como pé canônico. O pé troqueu é preferido ao pé iambo no português, uma vez que a restrição Troqueu domina a restrição Iambo na hierarquia. As restrições de (15) abaixo são adaptadas a partir de Lee (2007, 2013) para orientarem a discussão sobre o acento do não verbo.

- (15) a) FTBIN (Pé Binário): os pés são binários no nível de sílaba;  
b) PARSE: as análises do pé são exaustivas;  
c) FT-R: O lado direito do radical derivacional coincide com o lado direito da cabeça do pé;  
d) ALIGN (Stem, Right Hd, Right): O lado direito do radical derivacional coincide com o lado direito da cabeça do pé;  
e) WSP (Weight to Stress): a sílaba pesada é acentuada;  
f) TROQUEU: O pé é troqueu;  
g) IAMBO: O pé é iambo.

O tableau abaixo mostra que o candidato ótimo possui o pé troqueu silábico pelo ranqueamento de TROQUEU >> IAMBO nas palavras temáticas.

## (16) Palavra paroxitona que termina em vogal

/bonito/	ALIGN	TROQUEU	FTBIN	FT-R	PARSE	IAMBO
☞ a. bo. (ní. t)lo	*				*	*
b. (bó. ni). t)lo	**!			*	*	*
c. (bo. ni). t)lo	*	*!		*	*	
d. bo. (ní). t)lo.	*		*!	*	**	

Nas palavras atemáticas, o pé iambo é preferido, conforme demonstrado no tableau (17) abaixo:

## (17) Palavra oxitona que termina em vogal

/jacare/	ALIGN	TROQUEU	FTBIN	FT-R	PARSE	IAMBO
a. jaca(ré)}			*		**!	
☞ b. ja(caré)}		*			*	
c. (jacá)re}	*!	*		*	*	
d. ja(cáre)}	*!				*	*

Diferentemente das propostas que defendem o pé canônico troqueu moraico, a palavra oxitona que termina em vogal é tratada como o acento regular e produtivo. No entanto, a forma do pé preferido é o iambo que é resultado do ranqueamento de ALIGN >> TROQUEU >> IAMBO. O tableau (17) mostra que a restrição ALIGN obriga o alinhamento do lado direito do núcleo do pé com a borda direita do radical e ela elimina os candidatos (17d) e (17c) pela sua violação; o candidato (17a), que satisfaz a restrição TROQUEU, é eliminado pela violação de FTBIN e pela dupla violação de restrição PARSE. O candidato (17b), que satisfaz a restrição ALIGN e viola a restrição TROQUEU e a restrição PARSE, é escolhido como ótimo.

Nessa proposta, o peso silábico é também levado em conta, mas a restrição WSP fica na posição baixa na hierarquia. Isso significa que o peso silábico na última sílaba exerce um papel trivial, uma vez que o lado direito do radical coincide sempre com o lado direito da palavra, quando a palavra termina em consoante. Conseqüentemente, a posição do acento das palavras que terminam em sílaba pesada é igual à posição das palavras oxítonas que terminam em vogal – o acento recai na última sílaba do radical. Ou seja, o acesso à estrutura interna morfológica (radical) uniformiza a determinação do acento para o não verbo. Portanto, o ranqueamento das restrições ALIGN >> WSP pode dar conta do acento na última sílaba pesada de palavra, conforme os tableaux (18) abaixo demonstram.

## (18a) Palavra oxitona que termina em consoante

/rapaS/	ALIGN	TROQUEU	FTBIN	FT-R	WSP	PARSE	IAMBO
a. ra(páS)}			*			*	
☞ b. (rapáS)}		*					
c. (rápaS)}	*!**				*		*

## (18b)

/formal/	ALIGN	TROQUEU	FTBIN	FT-R	WSP	IAMBO	PARSE
a. for(mál)}		*	*!		*	*	*
b. (fór)mal}	*!**			*	*		*
c. (fór)(mál)}	*!**			*			
☞ d. (formál)}		*			*		

A existência do pé canônico iâmbico é evidenciada pela formação de hipocorístico do português. Segundo Martini (2010), há dois tipos de formação de hipocorístico – uma está relacionada com o pé da palavra fonológica, e a outra está relacionada com a borda esquerda da palavra fonológica.

Nas formas de hipocorístico baseadas na borda esquerda de palavra, a formação de hipocorístico seleciona CV ou CCV (Martini, 2010), como ilustrado por (19).

- (19) a) Leandra => L[e]/L[É]  
b) Driete => Dri  
c) Teresa => T[é]  
d) Eduardo => D[u], \*[é]

Quando a primeira sílaba é constituída por uma vogal, como em (19d), a CV da segunda sílaba é selecionada. Os exemplos de (19) mostram que o português brasileiro não satisfaz a palavra mínima – ou seja, a palavra monossilábica de CV ou CCV é permitida na língua. A formação de hipocorístico também pode reduplicar as monossilábicas, constituindo o padrão acentual iâmbico.<sup>4</sup>

- (20) a) Leandra => L[E][É] no norte ou nordestes ou L[el]lé no sul ou sudeste  
b) Teresa => T[elt]lé  
c) Eduardo => D[ul]dú

A presença de vogal média baixa no exemplo (20a) evidencia que a formação de hipocorístico é realizada no nível de palavra após a atribuição de acento primário, uma vez que nos dialetos do Norte e do Nordeste as vogais médias pretônicas sofrem a harmonia vocálica de [ATR] ou a neutralização na posição pretônica átona (Lee; Oliveira, 2013). Quando o hipocorístico é formado pelas duas primeiras sílabas, pode ocorrer tanto o iambo quanto o troqueu, como os exemplos de (21) demonstram, a seguir.

- (21a) Dermeval => Derm[é] no sul ou sudeste  
Derm[É] no norte ou nordestes  
Adelite => Ad[é] no sul ou sudeste  
Ad[É] no norte ou nordestes  
Eduardo → Edú

- (21b) Rafael -> Ráfa  
Patrícia -> Páti  
Juvante -> Júva

A formação do hipocorístico mostra que o pé canônico iambo faz parte da gramática do português e é uma forma regular e produtiva na língua, uma vez que a Morfologia gera palavras oxítonas que terminam em vogal.

Lee (2007, 2013) argumenta que o acento do verbo é semelhante ao do não verbo. O pé troqueu é preferido para o padrão acentual do verbo, uma vez que a mesma hierarquia de restrições atua no verbo - TROQUEU >> IAMBO. A restrição ALIGN, por outro lado, não serve para o verbo – uma vez que as estruturas morfológicas das duas categorias são diferentes. A restrição Uniformidade de Paradigma (*Paradigm Uniformity*, doravante PU), conforme em Lee (2007), está repetida como em (22) abaixo: (22) PU: acentue a vogal temática nas formas verbais do tempo passado e nas formas do futuro do subjuntivo e do infinitivo pessoal<sup>5</sup>

De acordo com Harris (1973), o acento propáritico do verbo é resultado da restrição PU, segundo a qual há uma tendência forte para um paradigma ser uniforme. Lee (2007) estende a ideia da PU para todas as formas verbais de tempo pretérito, nas quais o acento sempre cai na vogal temática. Em outras palavras, o acento tem acesso à estrutura morfológica interna do verbo. Nas análises anteriores, a sensibilidade à categoria lexical foi explicada em termos de domínios prosódicos – o radical derivacional para o acento do não verbo e a palavra fonológica para o acento do verbo, além de estipular os acentos regulares e irregulares (marcados) em cada domínio e os padrões acentuais diferentes.

Os tableaux, a seguir, mostram que, no tempo presente, o candidato do pé troqueu é escolhido como ótimo em (23), enquanto o candidato do pé iambo é escolhido como ótimo por dominância da restrição PU sobre as restrições fonológicas em (24).

<sup>4</sup> Pereira (2007, p. 70) mostra que o pé iambo ocorre na formação de hipocorístico e nas palavras de siglas no português europeu.

<sup>5</sup> Lee (2007) trata as formas verbais do futuro do presente e do condicional como palavra composta fonológica (cf. Mateus, 1983; Bisol, 1992; Massini-Cagliari, 1999).

## (23) Acento do verbo do tempo presente do indicativo (singular)

/perde/	PU	FTBIN	TROQUEU	FT-R	PARSE	IAMBO
a. (perdé)			*!			
☞ b. (pér de)						*
c. (pér)de		*!	*	*	*	*
d. per (dé)		*!	*		*!	*

Nas formas verbais do tempo presente, onde o padrão acentual de pé troqueu prevalece, o candidato ótimo é determinado por TROQUEU >> IAMBO.

## (24) Acento do verbo do tempo pretérito perfeito do indicativo

/perdi/	PU	FTBIN	TROQUEU	FT-R	PARSE	IAMBO
☞ a. (perdi)			*			
b. (pér di)	*!					*
c. (pér)di	*!	*	*	*	*	*
d. per (di)		*	*!		*	*

Por outro lado, o candidato (24b) de pé troqueu perde para o candidato ótimo de pé iambo (24a) por violar a restrição PU nas formas verbais do tempo pretérito, enquanto o candidato ótimo (24a) viola a restrição TROQUEU que está ranqueada na hierarquia das restrições, mas satisfaz a restrição PU.

A restrição relacionada ao peso silábico também está disponível, mas ela está ranqueada na posição mais baixa na hierarquia – ou seja, ela está ativa,

mas não exerce papel importante na determinação do acento no verbo. Quando o verbo termina em sílaba pesada, como nas formas do tempo presente do indicativo, na 3ª pessoa do plural, a ausência/indisponibilidade da restrição ALIGN para os verbos favorece, como ótimo, o candidato (25b), do tableau (25), embora a palavra termine em sílaba pesada.

## (25) Acento do verbo do tempo presente do indicativo (plural)

/perdeN/	PU	FTBIN	TROQUEU	FT-R	PARSE	WSP	IAMBO
a. (perdé)			*!				
b. (pér dē)						*	*
c. (pér)dē		*!	*	*	*	*	*
d. per (dē)		*!	*		*		*

O ranqueamento de TROQUEU, FT-R, FTBIN >> WSP explica por que o pé troqueu é favorecido e o peso silábico na última sílaba é irrelevante nos verbos. A sensibilidade ao peso silábico está relacionada à interação das restrições fonológicas nos verbos. Por outro lado, o peso silábico da última sílaba é aparentemente relevante para o acento dos não verbos, mas isso é resultado da interação entre as restrições fonológicas e a restrição morfológica ALIGN, como nós discutimos na seção anterior.

Nas formas do infinitivo pessoal, a última sílaba pesada é acentuada pela atuação da restrição PU, que domina as restrições fonológicas relacionadas ao pé. O tableau (26) mostra que o pé iambo pode ser constituído no verbo quando a restrição morfológica PU domina as restrições fonológicas. Essa abordagem da OT mostra que a sensibilidade ao peso silábico é determinada pelo ranqueamento das restrições relacionadas à Morfologia – ALIGN para o não verbo e PU para o verbo.

## (26) Acento do verbo do infinitivo pessoal

/fikar/	PU	FTBIN	TROQUEU	FT-R	WSP	PARSE	IAMBO
☞ a. (fikár)			*				
b. (fi kar)	*!				*		*
c. (fi) kar	*!	*	*	*	*	*	*
d. fi (kár)		*	*!			*	*

Em resumo, o padrão acentual do português possui um sistema misto de troqueu silábico e troqueu moraico. A interação das restrições fonológicas, tais como PARSE, TROQUEU, IAMBO, FT-BIN e FT-R, determinam a forma do pé e a localização do acento. A hierarquia dessas restrições é FTBIN, TROQUEU, FT-R >> PARSE, WSP, IAMBO. O padrão troqueu é preferido por TROQUEU >> IAMBO. E a sensibilidade ao peso silábico é garantida pela restrição WSP, mas não tem atuação importante na determinação do acento. O ranqueamento ALIGN >> WSP garante a última sílaba pesada acentuada nos não verbos, enquanto a última sílaba pesada dos verbos não é acentuada pela restrição WSP na posição baixa na hierarquia das restrições.

Essa segunda seção argumentou que o acento é sensível à categoria lexical. A sensibilidade à categoria lexical é interpretada em termos de restrições na abordagem OT, diferentemente das abordagens anteriores em que ela foi tratada como a questão de domínios prosódicos. As restrições ALIGN e PU mostram que o acento do português tem acesso à estrutura interna das palavras e tais restrições dominam as restrições fonológicas que determinam o acento e a forma do pé, exercendo papel crucial. O pé canônico iambo é favorecido pelas restrições relacionadas à Morfologia. Além disso, a restrição ALIGN serve somente para o acento do não verbo, enquanto a restrição PU somente para o verbo. O acento regular é determinado pela seguinte hierarquia – ALIGN, PU >> FTBIN, TROQUEU, FT-R >> PARSE, WSP, IAMBO. A próxima seção discute o acento irregular/não produtivo, especialmente as palavras proparoxítonas e sua relação com a Morfologia.

## 2 Palavras proparoxítonas e sua relação com a Morfologia

Quando foge das generalizações discutidas na seção anterior, o acento é tratado como marcado

ou acento irregular; assim, o acento pode recair sobre a antepenúltima sílaba, quando a palavra termina em vogal ou em consoante, como nos exemplos de (27a) e (27b), respectivamente.

- (27) a) dívida, música, médico, lâmpada,  
pêssego, pérola  
b) Wáshington, júnior

O acento do não verbo pode cair na penúltima sílaba, embora a última sílaba da palavra seja pesada, como os exemplos de (28) demonstram:

- (28) Revólver, móvel, jóvem

Na abordagem fonológica, os acentos irregulares foram tratados com a extrametricidade na última sílaba em (27a) ou a extrametricidade na última mora/consoante em (27b) e (28). No entanto, a palavra proparoxítona com penúltima sílaba pesada traz problema para a abordagem fonológica do padrão troqueu moraico.

- (29) a) Troqueu moraico  
Médi(co) fósfo(ro)  
(\* .) (\*)  
b) Troqueu silábico  
Médi(co) fósfo(ro)  
(\* .) (\* .)

A abordagem fonológica de padrão do tipo troqueu moraico não dá conta das palavras proparoxítonas com penúltima sílaba pesada, já que o acento é sensível ao peso silábico e recairia naquela sílaba, resultando a forma fonética incorreta como em (30):

- (30) \*Performan(ce) \*Vander(son)  
(\*) (\*)

Por outro lado, na abordagem fonológica de padrão do tipo troqueu silábico, o acento recai na antepenúltima sílaba, derivando a forma fonética correta:

(31) Performan(ce) Vander(son)  
( \* . ) ( \* . )

As duas abordagens não têm dificuldade de explicar o acento proparoxítono do verbo, estipulando a última sílaba como extramétrica, como nos exemplos de (32).

(32) amáva(mos) amásse(mos)  
( \* . ) ( \* . )

No entanto, o uso de extrametricidade é estipulado nas duas abordagens e uma análise sensível ao peso silábico apresenta mais dificuldades na explicação do acento proparoxítono. Por outro lado, Lee (1995) mostra que o acento regular do não verbo é o pé iambo, enquanto o acento irregular é o pé troqueu silábico; já o acento do verbo apresenta padrão acentual inverso – sendo o acento regular o troqueu silábico e o acento irregular o pé iambo no verbo. Essas análises introduzem o conceito de extrametricidade e apresentam dificuldades para dar conta de acento regular/produtivo e irregular/não produtivo.

O certo é que a palavra proparoxítona faz parte da língua portuguesa. O acento recai em uma das três últimas sílabas, e o falante nativo não tem nenhuma dificuldade para pronunciá-las. Os exemplos de (33), abaixo, mostram que o acento proparoxítono é possível, independentemente do peso silábico (L(ave) ou P(esado)) nas três últimas sílabas nos não verbos do português.

(33) Tipos de palavras proparoxítonas  
a) LLL, como em médico e bêbado  
b) PLL, como em último e pérsico  
c) LPL, como em pênalti e récorde  
d) LPP, como em chálenger e cóferdã  
e) LLP, como em júpiter e lúçifer

f) PLP, como em ângelus e zíngiber  
g) PPL, como em perfórmance e antíspasto  
h) PPP, como em Ânderson e Vânderson<sup>6</sup>  
(Exemplos extraídos e adaptados de Araújo, Guimarães Filho, Oliveira e Viaro, 2007)

Os trabalhos mais recentes mostram um consenso sobre o acento proparoxítono do não verbo, tratando-o como o acento marcado no léxico. Porém, existem algumas evidências de acento proparoxítono na língua portuguesa com características específicas, conforme explicitado a seguir.

Em primeiro lugar, a vogal média na palavra proparoxítona está sujeita à regra de Abaixamento datílico, conforme Wetzels (1991, 1992), preferindo as vogais médias baixas na posição tônica.

(34) m[é]dico, ab[ó]bora

Em segundo lugar, as palavras proparoxítonas podem sofrer o reparo – a síncope (Lee, 2003), já que o português prefere a palavra paroxítona quando uma palavra termina em vogal, como em (35).

(35) Síncope  
Árvore -> árvre  
Abóbora -> abobra  
Lâmpada -> lâmpida

Os exemplos acima mostram que a vogal da penúltima sílaba sofre a queda, satisfazendo a estrutura silábica do português. O exemplo **lâmp[il]da**<sup>7</sup> mostra bem este reparo – a vogal sofre a queda para constituir o acento paroxítono (que é padrão), mas a vogal epentética [il] é inserida, de modo que a sequência [pd] não seja possível depois de apagamento da vogal na penúltima sílaba.

Em terceiro lugar, o acento proparoxítono é menos presente na língua – no *corpus* total de 150.875 palavras pesquisadas por Araújo et al. (2007), as palavras paroxítonas são 62,5%, as palavras oxítonas 24,9%, as proparoxítonas 12,2% e as monossílabas 0,4%.

Em quarto lugar, a formação de hipocorístico

<sup>6</sup> Somente os nomes próprios são disponíveis para este tipo.

<sup>7</sup> A palavra *lampiílda* não mostra a síncope, mas apenas a mudança de vogal, de /a/ para [il]. A síncope somente ocorre durante a derivação: *lâmpada* -> *lampda* -> *lampiílda* (comunicação pessoal do prof. José S. Magalhães).

novamente dá uma pista interessante. Quando a formação de hipocorístico ocorre a partir do pé, a palavra resultante pode ser palavra paroxítona se a palavra base termina em vogal, ou pode ser palavra oxítona se a palavra base termina em consoante.

(36) Hipocorístico baseado no pé

Heléna	Léna
Anacléto	Cléto
Henríque	Ríque
Lucimíla	Míla
Raquél	Quél
Isabél	Bél

Por outro lado, quando a base é a palavra proparoxítona, a forma do hipocorístico é palavra paroxítona. Este processo morfológico não gera palavra proparoxítona e suprime a penúltima vogal da base, criando a palavra paroxítona com o pé troqueu, como os exemplos de (37) demonstram.

(37)

Débora	Déba
Austregésilo	Geso
Fabíola	Bíla

Por último, as palavras proparoxítonas do português, na sua grande maioria, encontram-se nas palavras primitivas. Os processos derivacionais do não verbo, em outras palavras, não criam as palavras proparoxítonas, exceto quando o acento é determinado pela especificidade de próprios sufixos.

Os sufixos derivacionais, quanto à propriedade prosódica, são de três tipos – sufixo derivacional comum, sufixo derivacional átono e sufixo derivacional tônico. Conforme a seção anterior, a regra de acento aplica-se após todas as operações, e o acento é atribuído de acordo com as generalizações de acento.

(38) Sufixos derivacionais comuns  
derivár derivação derivaciónál  
cása caséiro  
meníno menináda

Os exemplos acima mostram que o acento recai nos sufixos, uma vez que os sufixos derivacionais ficam na borda direita da palavra e contêm a sílaba pesada ou duas sílabas. Ou seja, o acento observa estrutura fonológica de sufixo e atribui o acento a esse sufixo, que não está especificado com o acento na representação lexical. O segundo tipo de sufixos é constituído pelos sufixos trissilábicos tônicos, que criam as palavras proparoxítonas, conforme (39) a seguir.

(39) Sufixos trissilábicos tônicos<sup>8</sup>

-íssimo(a)	belíssimo
-érrimo(a)	paupérrimo
-ículo(a)	cubículo
-ático (a)	asiático
-únculo(a)	homúnculo
-úsculo(a)	corpúsculo

O acento desses sufixos deve ser marcado na antepenúltima sílaba na entrada lexical, e a palavra derivada será proparoxítona após a afixação.

Por último, há os sufixos dissilábicos átonos. Tais sufixos não podem receber o acento, e as palavras criadas com eles possuem, conseqüentemente, o acento proparoxítono, como se vê em (40):

(40) Sufixos dissilábicos átonos

-ico,	histórico
-aco	cardíaco
-ulo(a)	glóbulo, grânulo, etc.

A propriedade prosódica de sufixos mostra que há três tipos diferentes de não verbos proparoxítonos em termos de estrutura morfológica: 1º) palavra

<sup>8</sup> Rondinini (2009) mostra que a composição neolatina, como -ólogo e ógrafo, deve ser tratada como processo de derivação sufixal. Assumo que os radicais de composição neolatinos que criam palavras proparoxítonas são sufixos trissilábicos tônicos, como em (39).

Sufixos de origem da composição neolatina  
-ólofonólogo  
-ógrafoceanógrafo  
-ódromo autódromo  
-ólatrachocólatra  
-ómetronanómetro

Agradeço a(o) parecerista anônimo(a) os comentários sobre a composição neoclássica.

proparoxítona sem estrutura interna morfológica; 2º) não verbo proparoxítono com sufixo trissilábico tônico como em (39); 3º) não verbo proparoxítono com sufixos dissilábicos átonos como em (40).

Por um lado, as palavras proparoxítonas de não verbos são primitivas ou criadas pelas especificidades dos sufixos e devem ser aprendidas pelo falante nativo. A fonologia do português não gera palavras proparoxítonas de não verbos – o acento do não verbo proparoxítono é marcado na representação subjacente independentemente de estrutura morfológica. Esse fato levou algumas análises (Lee, 2007; Wetzels, 2007; Magalhães, 2004) a tratarem o acento proparoxítono do não

verbo como marcado no léxico.

Por outro lado, o acento proparoxítono do verbo é sempre previsível, sendo determinado pelo ranqueamento de PU sobre as restrições fonológicas, como discutimos na seção anterior. O tableau (41) mostra que a restrição PU obriga o acento a recair na vogal temática, e as outras restrições relacionadas ao acento escolhem a forma ótima com o pé troqueu silábico. Ou seja, a palavra proparoxítona do verbo é sempre previsível, e o acento é atribuído pelas interações de restrição morfológica e restrições fonológicas. Esta abordagem da OT, além disso, dispensa a extrametricidade que foi utilizada nas análises anteriores.

(41) amávamos, amássemos

/amavamos/	PU	FTBIN	TROQUEU	FT-R	PARSE	WSP	IAMBO
☞ a. a (máva)mos				*	**	*	*
b. ama(vámos)	*!				**	*	*
c. ama(vá)mos	*!	*	*	*	***	*	*
d. (amá)(vámos)			*!	**		*	*
e. (amá)vamos			*!	**	**	*	
f. (áma)(vámos)	*!			**		*	**
g. a(má)vamos		*!	*	**	**	*	*

O acento proparoxítono do não verbo é marcado na representação subjacente:

(42) /médiko/ /pérola/ /fósforo/

O ranqueamento das restrições do não verbo, discutido na seção anterior, escolhe o candidato agramatical como o candidato ótimo, e a forma fonética correta para subjacente /pérola/ perde

na competição por violar a restrição morfológica ALIGN e a localização do pé na borda direita da palavra, como o tableau a seguir demonstra.

(43)

/pérola/	ALIGN	TROQUEU	FTBIN	FT-R	PARSE	IAMBO
☞ a. pe. (ró. lla)	*				*	
☛ b. (pé. ro) lla	**!*			*	*	
c. (pe. ró) lla	*	*!		*	*	
d. (pé). (ró. lla)	**!**	*	*	**		*
e. (pé). ro. lla	**!*	*	*	**	**	*

No entanto, o acento marcado no léxico é apagado no falso candidato ótimo no tableau acima. Para preservar o acento marcado no léxico, é

necessário introduzir a restrição de fidelidade MAXSTRESS que preserva o acento na entrada lexical (representação subjacente). Ela interage

com a restrição morfológica ALIGN e a restrição demonstra. MAXSTRESS, portanto, domina a restrição ALIGN na hierarquia das restrições, como o tableau abaixo

## (44) MAXSTRESS &gt;&gt; ALIGN

/pérola/	MAXSTRESS	ALIGN	TROQUEU	FtBIN	Ft-R	PARSE	IAMBO
a. pe. (ró. lla)	*!	*				*	
☞ b. (pé. ro. lla)		***			*	*	
c. (pe. ró. lla)	*!	*	*		*	*	
d. (pé). (ró. lla)		****!	*	*	**		*
e. (pé). ro. lla		***	*!	*	**	**	*

O falso candidato ótimo de (43a/44a) escolhido no tableau anterior viola a restrição MAXSTRESS e perde para o candidato ótimo (44b) que viola restrições mais baixas na hierarquia de restrições. As violações de restrições FT-R e PARSE significam que o pé não está localizado na posição final de palavra – ou seja, esta abordagem dispensa o con-

ceito de extrametricidade através da interação das restrições. O acento das palavras proparoxítonas que terminam em consoantes também pode ser explicado pelo mesmo ranqueamento, conforme o tableau abaixo demonstra.

## (45)

/iNteriN/	MAXSTRESS	ALIGN	TROQUEU	FtBIN	Ft-R	PARSE	WSP	IAMBO
a. ĩ te (rí)}	*!		*	*		**	*	*
b. ĩ (te rí)}	*!		*		*	*	*	
☞ c. (ĩ te rí }		****			*	*	*	*
d. (ĩ) te rí }		****	*!	*	**	**	*	*
e. (ĩ te) (rí)}		****	*!	*	*			**

O tableau (45) mostra que o candidato ótimo (45c) é escolhido apesar das 4 violações de restrição morfológica ALIGN que obriga o alinhamento do lado direito do núcleo do pé com a borda direita do radical.

Em síntese, há três tipos de acento proparoxítono no português: 1º) Acento proparoxítono nas palavras primitivas, cujo acento está marcado no léxico; 2º) Acento proparoxítono em palavras derivadas de não verbo, cujo acento é determinado pelas propriedades prosódicas de sufixo; 3º) Acento proparoxítono em verbos, cujo acento é derivado pela gramática. O padrão acentual das palavras proparoxítonas é o pé troqueu pelo ranqueamento de TROQUEU >> IAMBO. E as violações de restrições FT-R e PARSE deixam o lado direito do pé na penúltima sílaba e isso dispensa o uso

de extrametricidade.

O acento é sensível à categoria lexical, como se verifica no acento regular discutido na seção anterior. O acento proparoxítono do verbo é determinado pelo ranqueamento de PU >> Restrições Fonológicas, e o acento não está marcado na representação subjacente (ou entrada lexical). O acento proparoxítono do não verbo, por outro lado, está marcado na entrada lexical e o ranqueamento da restrição MAXSTRESS sobre a restrição ALIGN garante o acento. O acento proparoxítono revela fatos interessantes de interface entre Fonologia e Morfologia: o acento do não verbo apresenta que a restrição relacionada à Fonologia (MAXSTRESS) domina a restrição relacionada à Morfologia (ALIGN), ao passo que o acento do verbo apresenta que a restrição relacionada à Morfologia (PU) domina as

restrições relacionadas à Fonologia.

### Considerações finais

Este trabalho discute o acento primário no português e sua relação com a Morfologia. As características desse acento são enumeradas a seguir:

- a) o acento é sensível à categoria lexical;
- b) o acento tem acesso à estrutura interna morfológica das palavras;
- c) há interface entre Fonologia e Morfologia na atribuição de acento;
- d) o português possui o padrão acentual misto de troqueu silábico e iambo;
- e) o pé troqueu silábico é preferido;
- f) o acento do verbo é sempre regular;
- g) há três tipos de acento proparoxítono no português;
- h) a sensibilidade ao peso tem papel trivial.

Na abordagem à luz da OT proposta no presente trabalho, a sensibilidade à categoria lexical é interpretada com as restrições morfológicas ALIGN para o não verbo e PU para o verbo. Elas têm papel crucial na atribuição do acento, tratando as palavras oxítonas do não verbo e as palavras proparoxítonas do verbo como acento regular.

O ranqueamento de ALIGN >> TROQUEU >> IAMBO garante o padrão acentual de pé troqueu silábico e de pé iambo para o não verbo. O padrão acentual Troqueu é preferido ao padrão acentual iambo pelo ranqueamento de TROQUEU >> IAMBO nas palavras paroxítonas que terminam em vogal. O padrão acentual de iambo é garantido por ALIGN >> TROQUEU, se a palavra oxítona termina em vogal **e** ou termina em sílaba pesada.

A sensibilidade ao peso silábico de última sílaba é garantida pela restrição WSP e o ranqueamento de ALIGN >> WSP garante a última sílaba pesada acentuada nos não verbos. O padrão acentual de troqueu silábico é preferido para os verbos pelo ranqueamento de TROQUEU >> IAMBO, independentemente do peso silábico da última sílaba, já que a última sílaba pesada dos verbos não é acentuada pela restrição WSP na posição baixa na hierarquia das restrições. A restrição morfológica

PU sobre as restrições fonológicas pode criar as palavras oxítonas e as palavras proparoxítonas. O ranqueamento de PU >> TROQUEU >> IAMBO garante o pé iambo nas formas de tempo pretérito do indicativo de 1ª e 3ª pessoas do singular. Isso significa que o acento do verbo do português é determinado e previsível pelo ranqueamento de PU >> FTBIN, TROQUEU, FT-R >> PARSE, WSP, IAMBO.

O acento proparoxítono do não verbo é marcado na entrada lexical/representação subjacente, e o ranqueamento da restrição MAXSTRESS sobre a restrição ALIGN garante as palavras proparoxítonas de não verbo. O acento primário do não verbo, portanto, é determinado pelo ranqueamento de MAXSTRESS >> ALIGN >> FTBIN, TROQUEU, FT-R >> PARSE, WSP, IAMBO. O acento proparoxítono, além disso, revela a interface entre Fonologia e Morfologia em termos de interação das restrições: o acento do não verbo apresenta Fonologia (MAXSTRESS) prevalecendo sobre Morfologia (ALIGN); o acento do verbo apresenta Morfologia (PU) prevalecendo sobre Fonologia.

Este trabalho mostra que a Morfologia é altamente relacionada à determinação do acento primário do português – o acento deve ter o acesso à categoria lexical e à estrutura interna das palavras, como o radical no não verbo e a vogal temática no verbo. Além disso, a formação de hipocorístico, na qual a Morfologia ocorre após as operações fonológicas, corrobora o iambo como o padrão acentual do português.

### Referências

- ANDRADE, E. d'; LAKS, B. *Na Crista da Onda: O Acento de Palavra em português*. Lisboa: Universidade de Lisboa: CNRS (Manuscrito), 1991.
- ARAÚJO, G. A. *et al.* As proparoxítonas e o sistema acentual do português. In: ARAÚJO, Gabriel A. (org.). *Acento em português: Abordagens Fonológicas*. 1. ed. Parábola Editorial. São Paulo, 2007. p. 37-60.
- BISOL, L. *O Acento: Duas Alternativas de Análise*. Porto Alegre: UFRGS: PUCRS, 1992.
- BISOL, L. O acento e o pé métrico binário. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 29, n. 4, p. 25-36, 1994.
- CAGLIARI, L. C. *Acento em português*. Campinas: [s. n.], 1999.

- Câmara Jr., M. *Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa*. Rio de Janeiro: Simões, 1953.
- CÂMARA Jr., M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1970.
- CHOMSKY, N.; HALLE, M. *The Sound Pattern of English*. New York: Harper and Row, 1968.
- Costa, I. B. *O Acento em Português: Estudo de Algumas Mudanças no Modelo da Fonologia Gerativa*. 1978. Dissertação (Mestrado em Linguística) – UNICAMP, Campinas, 1978.
- HAYES, B. *Metrical Stress Theory – principles and case studies*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.
- JACOBS, H. *The emergence of Quantity-Sensitivity in Latin: Secondary Stress and Iambic Shortening*. Handout presented at LSRL 30. Gainesville: University of Florida, 2000.
- HERMANS, B.; WETZELS, L. M. W. Productive and Non-Productive Stress Patterns in Brazilian Portuguese. *Revista Let. e Let.* [S. l.], v. 28-1, p. 77-114, 2012.
- KIPARSKY, P. *Catalexis*. Ms. Stanford University, Stanford, 1992.
- Lee, S.-H. A Regra do Acento do Português: Outra Alternativa. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 29, n. 4, p. 37-42, 1994.
- LEE, S.-H. *Morfologia e Fonologia lexical do português do Brasil*. 1995. Tese (Doutorado em Linguística) – Unicamp, Campinas, 1995.
- LEE, S.-H. Acento do Verbo do Português: uma Análise à luz da OT. *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, v. 1, p. 277-289, 2001.
- LEE, S.-H. Primary Stress in Portuguese Non-Verbs. In: Reis, C. (org.). *Estudos em Fonética e Fonologia do Português*. 1. ed. Belo Horizonte, 2002. v. 1, p. 103-121.
- LEE, S.-H. Síncope, Brevis Brevians e Acento no Português Brasileiro. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 163-176, 2003.
- LEE, S.-H. O Acento Primário no Português: Uma Análise Unificada na Teoria da Otimalidade. In: Araújo, G. A. (org.). *Acento em português: Abordagens Fonológicas*. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. p. 121-143.
- LEE, S.-H. O padrão acentual do português. In: COUTO, Elza Kioko Nakayama Nenoki do; ALBUQUERQUE, Davi Borges de; ARAÚJO, Gilberto Paulino de. (org.). *Da Fonologia à Ecolinguística: ensaios em homenagem a Hildo Honório do Couto*. 1. ed. Brasília: Thesaurus, 2013. v. 1, p. 61-78.
- LEE, S.-H.; OLIVEIRA, M. A. de. Variação Inter- e Intra-Dialetal no Português Brasileiro: Um Problema para a Teoria Fonológica. In: OLIVEIRA, D. da H.; COLLISCHONN, G. (org.). *Teoria Linguística: fonologia e outros temas*. João Pessoa, 2003. p. 67-91.
- Leite, Y. *Portuguese Stress and Related Rules*. 1974. Doctoral dissertation (Linguistics) – University of Texas, Austin, 1974.
- Lopez, B. S. *The Sound Pattern of Brazilian Portuguese*. 1979. Doctoral dissertation (Linguistics) – UCLA, Los Angeles, 1979.
- MAGALHÃES, J. S. *O Plano Multidimensional do Acento na Teoria da Otimalidade*. 2004. Tese (Doutorado em Linguística) – PUCRS, Porto Alegre, 2004.
- MARTINI, L. *Morfologia Prosódica do Português Brasileiro*. 2010. Tese (Doutorado em Linguística) – UFMG, Belo Horizonte, 2010.
- Massini-Cagliari, G. *Cantigas de amigo: do ritmo poético ao linguístico*. Um estudo do percurso histórico da acentuação no Português. 1995. Tese (Doutorado em Linguística) – UNICAMP, Campinas, 1995.
- MASSINI-CAGLIARI, G. *Do Poético ao Linguístico no Ritmo dos Trovadores*. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 1999.
- MATEUS, M. H. M. O Acento de Palavra em português: uma nova proposta. *Boletim de Filologia*, [S. l.], v. 27, p. 211-229, 1983.
- MESTER, R. A. The quantitative trochee in Latin. *NLLT*, [S. l.], v. 12, p. 1-61, 1994.
- PEREIRA, M. I. P. *O acento da palavra em português: uma análise métrica*. 1999. Dissertação (Doutorado em Linguística Portuguesa) – Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 1999.
- PEREIRA, M. I. P. Acento latino e acento em português: que parentesco? In: Araújo, G. A. (org.). *Acento em português: Abordagens Fonológicas*. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. p. 61-83.
- PRINCE, A.; SMOLENSKY, P. *Optimality Theory: constraints Interaction in Generative Grammar*. Report No. RuCCS-TR-54. New Brunswick, NJ: Rutgers University Center for Cognitive Science, 1993.
- RONDININI, R. B. Análise das formações com -logo e -grafo segundo a Morfologia Derivacional. *ReVEL*, [S. l.], v. 7, n. 12, p. 1-29, 2009.
- Wetzels, W. L. Harmonização Vocálica, Truncamento, Abaixamento e Neutralização no Sistema Verbal do Português: Um Análise Auto-Segmental. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, [S. l.], v. 21, p. 25-58, 1991.
- WETZELS, W. L. Mid Vowel Neutralization In Brazilian Portuguese. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, [S. l.], v. 23, p. 18-55, 1992.
- WETZELS, W. L. Primary Word Stress in Brazilian Portuguese and the Weight Parameter. *Journal of Portuguese Linguistics*, [S. l.], n. 6-1, p. 9-58, 2007.

---

### Seung Hwa Lee

Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), em Campinas, SP, Brasil; com pós-doutorado em Fonologia pela University of Massachusetts at Amherst, EUA; graduação em Letras pela Hankuk University Of Foreign Studies, em Seoul, South Korea. Professor titular da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em Belo Horizonte, MG, Brasil.

---

**Endereço para correspondência****Seung Hwa Lee**

Universidade Federal de Minas Gerais

Faculdade de Letras

Av. Antônio Carlos, 6627

Pampulha, 31270-901

Belo Horizonte, MG, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados pela SK Revisões Acadêmicas e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.*